

DISCUTINDO BARREIRAS ATITUDINAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A SEXUALIDADE E O SUJEITO EM CADEIRA DE RODAS

Deise Souza da Silva¹
Ermani Ribeiro²

Resumo

As barreiras atitudinais podem ser entendidas como sinônimas de preconceito e discriminação, as produzimos em diversas esferas, através de atitudes e discursos. Uma dessas esferas é a escola, pois além de ter grande poder influenciador e reflexivo, está imbuída de sexualidade. Sendo assim esta pesquisa buscou conhecer os tipos de barreiras atitudinais sofridas no âmbito da sexualidade pela pessoa que utiliza cadeira de rodas na escola, por entender que é um objeto visual propagador de estigmas. Desta forma fizemos um levantamento nas principais bases de dados, à procura de pesquisas que problematizassem a sexualidade do sujeito em cadeira de rodas nos últimos dez anos (2007 a 2017), para nossa surpresa, poucos foram os materiais produzidos. Surgindo então a necessidade de um estudo de caso. Realizamos uma entrevista semiestruturada com um homem em cadeira de rodas da cidade do Recife. Em seguida através da análise de conteúdo, categorizamos o material coletado dentre as vinte barreiras atitudinais apresentadas por Tavares (2012). A pesquisa mostrou que a sociedade ainda põe em xeque a existência da sexualidade da pessoa que usa cadeira de rodas, e que a escola reforça esse desconhecimento, alimentando as barreiras atitudinais.

Palavras-Chave: Pessoa em cadeira de rodas, Sexualidade, Barreiras Atitudinais, Educação.

1. Introdução

A sexualidade está presente em todas as etapas de nossa vida, segundo Freud, todo indivíduo, a cada etapa do desenvolvimento, vai tendo novas experiências em relação ao corpo, e conhecendo as regiões que mais lhe proporcionam sentimentos prazerosos. A teoria freudiana deu importante embasamento para a área, abrindo espaço para que novos autores pesquisassem o campo mais a fundo, sendo primordial para entendermos a fase da infância (COSTA, OLIVEIRA, 2011). Outra etapa intensa de nossas vidas é a adolescência. O jovem vive as transformações biológicas e psicológicas, onde a cultura e o momento histórico que se vive serão os determinantes, quanto ao valor e significado social perante o corpo, gênero, classe, etnia, raça, religiosidade, entre outros (STREY, M. N. KOHN, K. C. 2012).

Desta forma a sexualidade é intrínseca aos seres humanos, e está em todos os espaços que frequentamos, principalmente no meio escolar, lugar que passamos em média 14 (quatorze) anos. E, dentro do contexto histórico e cultural, estão as pessoas com deficiência, que vivenciam diversos processos em busca de direitos.

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. deise_libras2012@hotmail.com

² Professor de Libras, Coordenador do Núcleo Setorial de Acessibilidade e Inclusão do Centro Acadêmico de Vitória - CAV da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. ernaniribeiro@gmail.com

Um exemplo disso é o famoso lema: "Nada sobre nós, sem nós", (Nada quer dizer nenhum resultado, nenhuma política, serviço, campanha, equipamento, etc.; sobre nós, significa, a respeito das pessoas com deficiência; Sem nós é, sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência) (SASSAKI, 2007), e a Constituição brasileira de 1988, que marcou a luta por políticas e ações condizentes com a realidade e protagonismo das pessoas com deficiência. Desta forma, com base na leitura da clássica obra de Goffman, (1891) sobre estigma, entendemos que os indivíduos são distinguidos dos outros, ou seja, essa diferenciação acarretará na criação de um estigma, que colocará os sujeitos em 'posições' distintas, e isto influenciará diretamente no relacionamento com seus pares dentro e fora da escola.

Escolhemos pesquisar o sujeito em cadeira de rodas, por entender que a cadeira é um objeto visual de grande estereotipação da sexualidade, pois este fator frente à sexualidade abre o que chamamos de barreiras atitudinais, originárias a partir de preconceitos, generalizações, estigmas, que violam os direitos daqueles que não fazem parte do "padrão", neste caso a pessoa com deficiência. Para ilustrar explicitaremos um dos tipos de barreira atitudinal, a de substantivação, que se refere a falta de uma parte ou sentido de uma pessoa como se a parte "faltante" fosse o todo. Um homem com lesão medular, por exemplo, que não consegue ter uma ereção é visto como assexuado, restringindo o sexo apenas ao falo. Ou seja, existe um conjunto de posturas que irão influenciar na aceitação social/afetiva do indivíduo que faz uso da cadeira de rodas. Sabendo destes entraves, vemos a importância de conhecer a vivência destes sujeitos durante a sua vida escolar (TAVARES, 2012).

Desta forma, este trabalho busca conhecer as experiências em torno da sexualidade do sujeito que utiliza cadeira de rodas. E neste contexto, levantamos questionamentos tais como: durante o período escolar, como se sucedeu as primeiras paqueras, o beijo, as caricias, o sexo foi dentro ou fora da escola? De que forma as experiências no uso da cadeira de rodas podem ser enquadradas e entendidas no âmbito das barreiras atitudinais? A sexualidade pode ser vivenciada de forma plena em meio aos estereótipos? Quais as categorias de barreiras atitudinais podem ser identificadas nas vivências da sexualidade da pessoa que usa cadeira de rodas na educação básica?

2. Metodologia

A presente pesquisa de cunho exploratório seguirá a abordagem do tipo qualitativa por possibilitar acesso direto aos pesquisados, a forma como estes encaram a situação problema, além de possibilitar ricos dados descritivos, com um plano aberto, podendo contextualizar

com a realidade (LUDKE; ANDRÉ, 1986). A priori, consultamos algumas das principais bases de dados, como o Google Acadêmico, Scielo, Anped, Capes, Ibict, buscando estudos que falassem da sexualidade das pessoas que utilizam cadeira de rodas nos últimos dez anos. Observamos que uma quantidade significativa de trabalhos ligados à sexualidade e pessoa com deficiência abordam a temática da deficiência intelectual. Além disso, percebemos através das poucas pesquisas encontradas, que todas são recentes, ainda necessitando de mais produções na área acadêmica (apenas duas das bases consultadas tinham material na área, entretanto nenhum do campo educacional). A seguir, preparamos uma tabela com o material encontrado desde o ano de 2007 a 2017, utilizando três palavras chaves: sexualidade, cadeirante e educação, nas bases de dados acima citadas.

Base de Dados	Título da Pesquisa	Autor/Orientador	Tipo de Pesquisa
IBICT	O corpo com paraplegia e tetraplegia adquirida: um estudo sobre sexualidade	BUENO, Marly Machado Bento/ SOUSA, Regina Sueli de 2010.	Dissertação
IBICT	Manifestações de violência no cotidiano de mulheres cadeirantes: um olhar inovador para a Enfermagem	LUCIDO, Valéria Aliprandi/ PENNA, Lucia Helena Garcia, 2014	Dissertação
IBICT	Sentidos produzidos sobre a sexualidade por mulheres com paraplegia congênita	ALVES, Silvia Rodrigues Cavalcanti/ FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde 2014.	Dissertação
Google Acadêmico	Sexo sobre rodas: vivências e discursos da sexualidade de homens cadeirantes	DANTAS, Jenniffer/VALE, Alexandre, 2016.	Dissertação
Google Acadêmico	Sexualidade e deficiência física: o discurso em ação	SOUZA, Calixto/ DENARI, Fátima, 2015	Artigo Científico
Google Acadêmico	O antes e o depois da lesão medular adquirida: depoimentos masculinos acerca da sexualidade	FARIAS, Fernanda/ GAUDÊNCIO, Mércia, 2012.	Artigo Científico

Pesquisas encontradas no Google Acadêmico e no banco de Dissertações e Teses. Disponíveis em <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Resultslookfor=pessoa+com+deficiencia+genero+sexualidade&type=AllFields&daterange\[\]=publishDate&publishDatefrom=2010&publishDateto=2017](http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Resultslookfor=pessoa+com+deficiencia+genero+sexualidade&type=AllFields&daterange[]=publishDate&publishDatefrom=2010&publishDateto=2017)>; <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=educa%C3%A7%C3%A3o+sexualidade+cadeirante&btnG=&lr=lang_pt> Acesso em maio de 2017

Devido a esta escassez bibliográfica (pesquisas anteriores), vimos à necessidade do uso de um estudo de caso, pois segundo Martins (2008):

Quando um Estudo de Caso (...) apresenta um engenhoso recorte de uma situação complexa da vida real, cuja análise-síntese dos achados tem a possibilidade de surpreender, revelando perspectivas que não tinham sido abordadas por estudos assemelhados, o caso poderá ser qualificado como importante, e visto em si mesmo como uma descoberta. Oferece descrições, interpretações e explicações que chamam a atenção pelo ineditismo (p. 02).

Nosso estudo de caso realizou-se na cidade de Recife e Região Metropolitana, com um sujeito (por se tratar de algo novo e não abrangente), nos seguintes pré-requisitos: utilizar a cadeira de rodas desde a infância ou adolescência; possuir ensino médio completo; ter mantido relacionamento afetivo; ser adulto com idade mínima de 21 anos, pois tratamos de assuntos íntimos sobre a sexualidade, partindo do pressuposto da adolescência, segundo Carvalho (1996) quando diz que a adolescência impele ao indivíduo uma redefinição da própria identidade, ou seja, ainda está administrando conflitos inerentes a fase que vive (12 anos), e ainda não tem maturidade para falar sobre a temática da sexualidade. Assim, fazendo uso de uma entrevista semiestruturada, porque segundo Manzini (sem ano):

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. (...) esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Ou seja, através da entrevista semiestruturada, poderemos delinear questionamentos que abordem mais especificamente a temática, e ao mesmo tempo os participantes da pesquisa terão maior liberdade e abertura para responder, possibilitando novos conhecimentos e direcionamentos. Verificamos o material coletado por meio da análise de conteúdo, definida como:

(...) um conjunto de instrumentos metodológicos, cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2011, p. 15).

Neste seguimento realizamos primeiramente a entrevista, presencialmente, utilizando um gravador de voz, porque este permite que não se perca informações, onde enquanto pesquisadora, pude também ouvir minha voz durante as perguntas, para assim posteriormente realizar as transcrições. Durante o período de análise das entrevistas, Duarte (2004), salienta que a transcrição deve ser feita logo que se finaliza a coleta, pois o pesquisador terá uma

escrita mais fidedigna com a experiência contada, podendo ligar as expressões faciais, a entonação da voz a uma realidade próxima.

Este trabalho contou com categorias de análise a partir das barreiras atitudinais. Que são classificadas como: substantivação, adjetivação/rotulação, propagação, estereótipos, padronização, generalização, particularização, rejeição, negação, ignorância, medo, baixa expectativa ou de subestimação, inferiorização da deficiência, menos valia, adoração ou superestimação, exaltação do modelo, compensação, dó ou pena e superdotação, onde destacaremos aquelas mais frequentes na fala do sujeito com base nos trabalhos de Lima, Tavares (2007) e Tavares (2012).

3 Resultados e Discussão

A partir dos procedimentos de análise de conteúdo procuramos investigar as experiências em torno da sexualidade do sujeito em cadeira de rodas durante a educação básica. O material coletado e transcrito, advém de um entrevistado do sexo masculino, de 42 anos, divorciado, morador da região metropolitana do Recife, heterossexual, que utiliza a cadeira de rodas desde os oito anos de idade, e atualmente trabalha como pesquisador em uma Universidade Federal. Sendo assim, com o objetivo de ampliar as discussões sobre gênero, sexualidade e a pessoa em cadeira de rodas no contexto educacional, elencamos entre as vinte categorias de Barreiras Atitudinais explicitadas por Tavares (2012), aquelas mais presentes durante a fala do sujeito. A seguir apresentaremos recortes do material coletado, fazendo uma análise e conceituando cada barreira.

Na escola é normal que haja paquera entre os alunos pelo grande período que passam juntos, seja na sala de aula, na hora do intervalo, em atividades extraclasse, ou até no trajeto casa/escola. Questionamos como foi esse período para o nosso sujeito, se houve paqueraras na escola, como foi a relação com a turma, as experiências iniciais, e se pelo fato de usar a cadeira de rodas sentiu-se retraído.

“(...) eu não frequentava a escola todos os dias, desde os meus oito anos que eu me tornei uma pessoa com deficiência, eu só frequentava a escola em época de prova, eu não tinha contato desde os oito anos, ate os dezesseis, eu não tive muito contato com as turmas que eu frequentava. (...) na adolescência eu não tive nenhum envolvimento direto com as meninas por conta da minha timidez, de chegar perto, também não tinha muito espaço na época pra ter esses relacionamentos. Como a gente vivia num contexto religioso, a gente era muito vigiado por isso, mas vez por outra a gente tinha alguns escapes.”

A cadeira de rodas contribuiu bastante para que o entrevistado tivesse uma maior timidez no trato com as meninas, inclusive acredita que caso tenha sido paquerado, não percebeu. Além disso, participava do grupo da irmã, um dos menos populares, onde todos eram evangélicos. Como podemos ver a seguir:

“Meu primeiro namoro foi aos 20 anos. As paqueras aconteciam através de olhares, contatos físicos eram pouquíssimos. No contexto escolar nunca tive envolvimento com colegas. Oficialmente namoro só com 20 anos de idade. Foi sim, foi um dos fatores que retardou essa questão do namoro. As pessoas chegavam, as meninas se interessavam, mas eu tinha um conceito muito fechado na época, eu dizia, só quero um envolvimento com qualquer menina a partir do momento que tiver um emprego, eu tiver meu dinheiro pra poder sair com ela, não quero ser dependente dos meus pais para pedir dinheiro, pra está com namorada. Antes eu era mais radical, mas agora sou mais flexível a essas questões. (...) O grupo que minha irmã frequentava era o mesmo que eu frequentava. Esse grupo era um grupo menos popular, eram pessoas evangélicas em sua maioria, geralmente tinha mais meninas e só eu de menino no grupo. (...) eu só vim ter contato com grupo na Universidade.”

Compreendendo o contexto de vida do sujeito, e as poucas relações amorosas e as de amizade que teve, vemos a presença da barreira atitudinal de baixa expectativa ou subestimação, pois, ele enquanto pessoa com deficiência não se permite a novos laços afetivos por estar em cadeira de rodas, uma construção que fez de si. Denomina-se barreira atitudinal de baixa expectativa ou subestimação aquela que é feita a partir do juízo antecipado e sem fundamento (conhecimento ou experiência) de que a pessoa com deficiência é incapaz de fazer algo, atingir uma meta etc. Essa barreira atitudinal atinge negativamente o desenvolvimento das potencialidades da pessoa com deficiência, pois provoca a baixa-estima, torna-se obstáculo para a escolarização, para o labor e para a vida afetiva e social dos indivíduos com deficiência, os quais são alvos da perspectiva limitante imposta pela sociedade. O mais deteriorante desse processo é que as pessoas com deficiência podem internalizar a avaliação depreciativa e se auto-julgar incapazes.

Nossos corpos recebem significados através da cultura, não sabemos como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade, dos papéis que cada sujeito possui (LOURO 2000). Estes entraves podem ser classificados como uma barreira atitudinal de inferiorização da deficiência, que é uma atitude constituída por meio da comparação pejorativa que se faz do resultado das ações das pessoas com deficiência em relação a outros indivíduos sem deficiência, atribuindo à deficiência resultados negativos que não são devidos a ela, sob a justificativa de que o que não foi alcançado pelas pessoas com deficiência é inferior, exclusivamente, em razão da deficiência.

Pelo preconceito social, ter um relacionamento enquanto pessoa com deficiência é uma tarefa árdua, muitas são as histórias que o nosso entrevistado passou, as garotas, sofrem pressão principalmente familiar e não assumem o namoro, querendo muitas vezes que o relacionamento fique às escondidas. Como podemos ver a seguir:

“Em relação a minha primeira namorada, terminei por causa disso. Ela não queria assumir para a família que namorava comigo. (...) A minha ex-esposa enfrentou. A última menina que eu estava o problema foi o mesmo, dei um tempo (...), e vi que a questão era essa. A família não aceitava e ela não estava disposta. (...) Uma vez inclusive namorei uma menina antes de me casar, que quando a mãe dela me conheceu, eu chamei a mãe dela para almoçar aqui em casa, fiz o almoço, a mãe dela veio, se apresentou. E quando a mulher chegou em casa, foi bater no hospital com a pressão alta. Ai a menina disse que não ia dar pra gente namorar mais não (...) Com isso me senti horrível, a gente se sente discriminado, humilhado, excluído. E isso é frequente. A gente pra ter uma relação com uma pessoa que realmente queira tem que ser uma pessoa que tenha uma cabeça muito, muito aberta, uma pessoa que tenha uma mente livre de qualquer preconceito.”

Outra barreira encontrada é a de menos valia a partir do momento em que a mãe não quer para a filha um namorado que use cadeira de rodas, subliminarmente está dizendo que aquele rapaz “não é homem suficiente” para “dar um futuro” a mulher. A barreira de menos valia consiste na avaliação depreciativa das potencialidades, ações e produções das pessoas com deficiência. Neste caso o fato de usar uma cadeira, por mais que ele seja uma boa pessoa, nunca será visto com a mesma “qualidade” de um homem andante. Essa barreira é reproduzida até entre os indivíduos que possuem a mesma deficiência, como vemos:

“Para você ter ideia, o preconceito existe até entre as pessoas com deficiência. Eu já tive agora a pouco, fiz umas investidas em mulheres que usam cadeira de rodas, e todas elas disseram a mim que preferiam um homem andante. Não é regra, mas é aquela questão, não é porque elas estão em cadeira de rodas, que não terão suas preferências. Por exemplo, não é porque eu uso cadeira de rodas, que se aparecer qualquer tipo mulher na minha frente querendo um relacionamento, eu vou dizer quero você. Vai depender do nível da carência, da valorização pessoal. Se eu ver que aquela mulher me agradou de certa forma, na conversa... ela vai me atrair ali. Ai a gente tenta um relacionamento.”

O preconceito entendido como uma barreira atitudinal, cria em todos os indivíduos com ou sem deficiência uma negação à aceitação de si e do outro. O discurso dominante separa aqueles que possuem experiências de vida parecidas. É comum encontramos pessoas, que digam, por exemplo, que a própria pessoa negra discrimina os outros que tem a mesma cor de pele. A linguagem tem um poder muito forte nas pessoas, e várias fobias se propagam na fala daqueles que buscam relacionamentos amorosos na afirmativa de “questão de gosto”. A questão de gosto muitas vezes encobre várias barreiras atitudinais, até entre as próprias pessoas com deficiência, comprometendo as experiências da sexualidade e da interação social.

O sexo e a sexualidade ainda são tratados e compreendidos de forma supérflua, a partir de uma perspectiva binária de gênero:

“Na sociedade machista que vivemos a sexualidade do homem se resume ao pênis, se o homem tiver um pênis que fique ereto e ele consiga penetrar uma mulher, e

gozar dentro da mulher, ele é o homem. Esse é o macho que a sociedade diz que é o modelo. Modelo sexual do homem é aquele viril, ereto e que domina a mulher na cama. A partir do momento em que o homem tem lesão (tem cadeirante que não tem lesão), mas o cadeirante que tem lesão medular, ele tem disfunção erétil, todos eles, ou mais, ou menos, mas tem. A questão de domínio da mulher na cama vai de homem para homem, tem homem que domina, tem aqueles que se deixa dominar, mas no geral o homem, por exemplo, cresce normal e depois se vê na realidade da cadeira de rodas, a primeira coisa que você vai ouvir na boca dele, e se tiver essa mente machista, vai dizer que não é mais homem para mulher nenhuma.”

Neste caso vemos a presença da barreira atitudinal de substantivação, quando um discurso se refere à falta de uma parte ou sentido da pessoa como se a parte “faltante” fosse o todo. O órgão sexual masculino, a ejaculação se tornam protagonistas do sexo, limitando o prazer. Nutre na sociedade a dicotomia deficiente versus normal, deteriorando a autoestima da pessoa com deficiência. O processo de substantivação da deficiência tornando o indivíduo deficiente, logo o reduz a uma classe segmentada e não pertencente a outras, também é visto nas situações de raça, gênero etc. Em que um atributo é tomado para definir o todo da pessoa (TAVARES, 2012).

Cada estigma carrega consigo um estereótipo, essa barreira é a representação social “positiva” ou “negativa”, sobre pessoas com a mesma deficiência, tem origem subjetiva e base, principalmente, cognitiva. Estes influenciam nas interações sociais e incitam uma tendência em enfatizar o que há de similar entre as pessoas, não necessariamente similares, e em agir de acordo com esta percepção com experiências atuais e futuras. Estereotipar pode, portanto, levar a compreensões incorretas e indevidas, principalmente, quando em razão do véu aglutinador dos modelos de entendimento, não se consegue perceber as pessoas com deficiência e suas idiossincrasias. Nesse caso quanto maior for a interseccionalidade, (por exemplo: ser mulher, lésbica, pobre e deficiente), maior será a deterioração da identidade deste indivíduo (LIMA e TAVARES, 2007). A estereotipação da sexualidade (da não sexualidade) da pessoa com deficiência é um fator preocupante, e necessita de abertura no tocante aos direitos humanos.

“Enquanto pessoa com deficiência, para ser sincero, essas questões de saúde para a pessoa com deficiência ainda é pouco divulgado, principalmente essa questão da sexualidade da pessoa com deficiência, o gênero. Existem poucas políticas públicas voltadas para esse segmento da sociedade. Para você ver a situação da sexualidade nossa. Existe uma forte campanha para o grupo dos homo afetivos, as pessoas que fazem parte do grupo LGBT. Até o certo momento não existe nenhum cartaz de uma mulher em cadeira de rodas numa campanha de HIV/AIDS ou então, amputada. Só aparece Maria da Penha em relação à violência contra a mulher. É como se sutilmente o sistema de saúde dissesse que não temos necessidade dessas coisas, que não temos sexualidade.”

Negar a existência da sexualidade das pessoas com deficiência é a mesma coisa de não considera-los enquanto seres humanos, isso acarreta uma invisibilidade, que vai se traduzir na retirada de direitos, direito a informação, a saúde de certa forma, reforçando os estereótipos

sociais e silenciando esta minoria. Além disso, a partir do momento que a mídia não veicula pessoas em cadeira de rodas, por exemplo, e sim alguém andante, heterossexual, não valoriza a diversidade e fortalece o discurso tradicional dominante, sem levar em conta a interseccionalidade.

“O modelo de mulher brasileira vendido é mulher da bunda grande, pernã, cinturinha fina, escultural. Não precisa nem ser de academia, mas se ela tiver um bundão, ai, é o modelo vendido. Inclusive lá fora, mulher negra... a mulher quando se torna mulher em cadeira de rodas ela perde essas características, as pernas afinam, a região glútea dela fica flácida, o ventre não tem uma musculatura firme, algumas sofrem deformidade na coluna, então todo esse estigma recai sobre a mulher. Eu acredito ser a mulher a que sofre mais com esse preconceito. Agora eu até retiro o equilíbrio da balança. Eu vejo que há mais facilidade do homem que usa cadeira de rodas se relacionar do que a mulher em cadeira de rodas.”

O trecho da entrevista acima nos mostra como a nossa sociedade ainda é machista, comparando a mulher a um objeto, por consequência, pratica a barreira atitudinal de menos valia com aquelas que estão fora do “padrão”, reafirmando o estereótipo feminino. A separação entre coisas determinantes seja para o homem e para a mulher supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Rompendo a dicotomia, haverá espaço para se pensar além do caráter heterossexual ainda presente no conceito de "gênero". E que mulheres e homens, vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens (LOURO, 1997).

“Eu gostaria que as descobertas da sexualidade dentro da escola se dessem como as de qualquer pessoa, na base da diversidade e da diferença mesmo. Digamos, as pessoas deveriam enxergar as outras pessoas em suas particularidades de uma forma que isso não vinhesse a implicar ou limitar as relações afetivas e que a deficiência não é fator preponderante para evitar uma aproximação de namoro, paquera, uma aproximação de uma transa ocasional, como qualquer outra pessoa que ao longo tempo ela se aproxima e acontece, mas a primeira coisa que acontece é a outra duvidar se aquela pessoa com deficiência consegue fazer sexo. Eu estou cansado de responder essas perguntas por ai. – Você faz alguma coisa? E isso não é de hoje, é de sempre.”

Percebemos na fala do sujeito como é exaustivo ter que passar por tanta desinformação das pessoas, sendo questionado sobre sua sexualidade e práticas sexuais por usar a cadeira de rodas. Nesse caso nos deparamos com a barreira atitudinal de ignorância. Ela se dá pelo desconhecimento que se tem de uma dada deficiência, das habilidades e potenciais daquele que a tem. É comumente expressa pelo não saber/ conhecer a potencialidade/capacidade da pessoa com deficiência e é mais facilmente eliminada pela tomada de conhecimento. A barreira atitudinal de ignorância surge, então, do desconhecimento acerca das potencialidades da pessoa com deficiência. Essa avaliação, realizada a partir de um ponto de vista específico, em que o outro é sempre o diferente, é, por

definição, preconceituosa e nutre a dificuldade social de pensar e aceitar a diferença como constitutiva do gênero humano. Esses aspectos geram, então, a negação de quaisquer características de gênero, compleição física, ideológicas etc. constitutivas da pessoa humana. A escola também é responsável pela desinformação, a partir do momento que não reflete as questões advindas das pessoas com deficiência (TAVARES, 2012).

Desde o ano de 1998 o MEC (Ministério da Educação) aprovou e divulgou os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais que são referências orientadoras para o ensino fundamental e médio no Brasil. Dentro dos parâmetros há os temas transversais, separados por áreas: ética, orientação sexual (corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente transmissíveis), Meio Ambiente, Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade cultural, trabalho e consumo. Segundo Vianna (2012), esses parâmetros ainda estão longe de serem abordados na escola quanto às questões de gênero e sexualidade, a autora aponta que o tema ainda passa por um grande tabu. Desta forma percebemos que a escola é um ambiente reprodutor de barreiras atitudinais, pois nega aos alunos a reflexão dos direitos sexuais.

4. Considerações Finais

. A partir do resgate das experiências do sujeito, fizemos uma discussão reflexiva sobre o gênero, a sexualidade e a pessoa com deficiência. Como entrevistamos apenas um entrevistado, não podemos tomar conclusões generalistas, mas abrir espaço na expectativa do surgimento de novas pesquisas na área. Apresentamos anteriormente a escassez de materiais com esta temática, percebemos que o sujeito em cadeira de rodas é vítima de uma grande invisibilidade quando o assunto é gênero e sexualidade, acarretando a presença de inúmeras barreiras atitudinais.

Encontramos na pesquisa, que a mulher ainda sofre mais estereotipações do que o homem, pois o “modelo” de beleza feminino gera maiores exigências na possibilidade de um envolvimento amoroso. Por outro lado o homem que tem lesão medular, ou algum tipo de disfunção erétil/ejaculação, sofre violentamente a barreira atitudinal de substantivação, na qual a parte “faltante” se resume ao todo. Tornando a sexualidade deste, “morta” para a sociedade. A sociedade desvaloriza a pessoa com deficiência ao ponto de não enxergá-la enquanto ser humano. E a escola tem um grande poder para quebrar essa visão distorcida, partindo da afirmação de Luís Fernando Veríssimo: “*Você é o seu sexo. Todo o seu corpo é um órgão sexual, com exceção talvez das clavículas*”. Ou seja, a sexualidade e tudo que a

cerca anda conosco como uma sombra. Isso significa que o prazer não está em um órgão, pois, o corpo e a mente passam por uma contínua ressignificação do desejo.

Segundo Tavares (2012) o enraizamento das barreiras atitudinais é denso, e de difícil resolução, da mesma forma é em relação à sexualidade. Nesta perspectiva acreditamos na importância da pesquisa para a área de educação, pois escola também é sinônimo de poder e de possibilidade de quebra de paradigmas. Percebemos que a barreira atitudinal de ignorância está muito forte em nossa sociedade, e, portanto esperamos que esta pesquisa inquiete os leitores, e que as discussões cheguem ao chão da escola, onde os professores poderão quebrar esta e outras barreiras.

Em face disso, questionamos a forma que a escola vem nos educando, pois, crescemos sendo ensinados a seguir padrões, nos quais a sexualidade é um assunto praticamente proibido. A escola pelo visto não está preparada para lidar com a diversidade. Sabemos que esta instituição não é a salvadora de todos os males sociais. Entretanto sentimos a necessidade de um maior questionamento. Onde seja possível pensar nas especificidades das minorias, diminuindo as opressões vivenciadas, de forma que o sujeito possa emponderar-se e ocupar espaços na busca de seus direitos, inclusive sexuais. Para finalizar gostaríamos de citar Foucault, (2014, p.83), que nos mostra o quanto seria prazeroso se vivêssemos em uma sociedade, parcial ou totalmente livre de barreiras atitudinais. “Descobriu-se que o ser humano se torna neurótico porque não é capaz de suportar o grau de frustrações que a sociedade lhe impõe a serviço dos ideais culturais, e disso se conclui que suprimir ou reduzir consideravelmente essas exigências significaria um retorno à possibilidade de ser feliz”.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011;

BECKER, Daniel. - **O que é adolescência** / Daniel Becker. - São Paulo: Brasiliense, 2003. - (Coleção primeiros passos; 159);

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 25 jan. 2017;

CALLIGARIS, Contardo. - **A adolescência** /Contardo Calligaris. 2ª ed. - São Paulo: Publifolha, 2009. - (Folha Explica);

CARVALHO, V. B. C. (1996). **Desenvolvimento humano e psicologia**. Belo Horizonte: UFMG;

COSTA, Elis; OLIVEIRA, Kênia. - **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica Freudiana e o papel dos pais neste processo** - Revista Eletrônica do curso de Pedagogia do

campus Jataí - UFG, 2011. Disponível em:
<<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>> acesso em 12/06/2017;

DUARTE, Rosália. - **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n.24, p.213-225, 2004. Disponível em:
<<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T25SF/Sandra/Entrevistas%20em%20pesquisas%20qualitativas.pdf>> acesso em 26/01/17;

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014;

GOFFMAN, E. (1891). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Mathias Lambert (Trad.). Ano de digitalização, 2004. Disponível em:
<https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3b%20Estigma.pdf> acesso em 20/01/17;

LOURO, Guacira Lopes. – **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista** - Guacira Lopes Louro – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997;

LOURO, Guacira Lopes. – **O corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade**. Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler - Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Ed./ – Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

LUCIDO, Valéria Aliprandi – **Manifestações de violência no cotidiano de mulheres cadeirantes: um olhar inovador para a Enfermagem** – Valéria Aliprandi Lucido – Rio de Janeiro: O autor, 2014;

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986;

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros**. Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em:[<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>]; acesso em 25.01.17;

MARTINS, Gilberto de Andrade – **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**/Gilberto de Andrade Martins. - 2. ed.- São Paulo: Atlas, 2008;

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão** – Parte 1. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 57, jul./ago. 2007, p. 8-16;

STREY, M. N. KOHN, K. C. (2012). **Nas Trilhas (des)conhecidas da saúde: a política pública de saúde para os homens no Brasil**. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 2(2), 220-239. Disponible en: <www.http://revista.psico.edu.uy>;

TAVARES, Fabiana Tavares dos Santos Silva. **Educação não inclusiva: a trajetória das barreiras atitudinais nas dissertações de educação do programa de pós-graduação em educação (PPGE/UFPE)** / Fabiana Tavares dos Santos Silva. – Recife: O autor, 2012. 595 f. : il. ; 30 cm;

VIANNA, Claudia. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica** Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n2/a09v23n2.pdf> > acesso em 26/06/2017 as 20:42m.